

02-01-2025

# Também sou

**Agnes Zoé Garal**

[Assessora de Imprensa Sindical. Supervisora de *clipping*]



Companheiros, Gabriela Leite<sup>1</sup> (São Paulo, 1951 – Rio de Janeiro, 2013) foi uma ativista pela causa da profissão que escolheu aos vinte anos por ter se encantado com o glamour e a liberdade das meninas que via na boemia. Fazia questão de se apresentar como Prostituta, ou melhor, Puta. Trocou a Filosofia na Universidade de São Paulo para graduar-se em ciências da sexualidade na prostituição. *Nunca acreditei que a prostituição acabaria com a famosa*

*liberação das mulheres, mas as fantasias sexuais, os desejos, são um vasto mundo pouco estudado, mas real.* Aversa a eufemismos, em seu livro “*Filha, mãe, avó e puta*”, afirma: *Adoro os homens, gosto de estar com eles, e não conheço homem feio. Outra coisa que adoro é falar o que penso sem papas na língua.* E diz prezar a *liberdade, liberdade de pensar diferente, de vestir diferente, de se comportar diferente...* Depois de iniciar programas em Sampa (Boca do Lixo), passar por Belô, estabeleceu-se e militou pela preservação da memória da Vila Mimosa<sup>2</sup>/Rio de Janeiro. Esta, uma área histórica de meretrício, em grande parte ‘desapropriada’ pelo prefeito César Maia (1996), desalojando cerca de 2000 Putas, para edificação da sede do governo. Daí surgiram os apelidos “piranhão” e “cafetão” ([veja](#)). As Putas Lourdes e Gabriela se encontraram na batalha, tornaram-se amigas na militância e juntas agregaram colegas no país em movimento pela regulamentação da profissão, derrubando estigmas, desafiando hipocrisias, protegendo companheiras, mostrando-lhes que a prostituição é um trabalho digno como todos os outros. Ambas se opunham à vitimização das Putas, ao estigma ‘sutil mas nem tanto’ de que foram ‘empurradas à vida fácil’ pela falta de oportunidade e que precisavam ser redimidas. Gabriela Leite morreu em 2013 de câncer de pulmão. Lourdes Barreto sente sua falta e segue na luta. Gabriela, na entrevista ao [Roda Viva \(2009\)](#), pontua: *Prostituição no Brasil não é crime. Crime é manter casas de prostituição. Como tudo que é proibido, e EXISTE, gera máfias, existem exploradores. Lutamos para tirar do Código Penal esses ‘senhores e senhoras’* – na verdade, empregadores – para que eles assumam seus deveres trabalhistas com as prostitutas. Gabriela refere o [Projeto de Lei 98/2003](#) (arquivado em 27/01/2012), que dispunha sobre “*a exigibilidade de pagamento por serviço de natureza sexual e suprímia os arts. 228, 229 e 231 do Código Penal*”. Os artigos 228 (aliciamento) e 229 (exploração de casa de prostituição) tiveram a redação atualizada em 2009 e o 231 (“*tráfico internacional*”) foi revogado em 2016, sem avanço às reivindicações das prostitutas. Penalizar com detenção empregadores (Madames e Senhores, ou Cafetinas e Rufiões) que contam com a leniência do Estado, inclusive pelo escrachado “*pagamento de propina (PP)*”, é o mesmo que culpabilizar a prostituta por exercer seu trabalho. É colocar o ônus do trabalho sexual nas costas das trabalhadoras, enquanto os lucros são repartidos entre os exploradores dos prostíbulos. Ou, como ilustrou o chargista Paulo Caruso (Roda Viva): “*É preciso privatizar o cafetão!*” Gabriela aponta que o moralismo (religioso, social, político) supera o *advocacy* (*nome mais bonito para lobby*) para a garantia de direitos humanos às Putas trabalhadoras. Buscando influenciar o parlamento na votação de projetos favoráveis às prostitutas, Lourdes e Gabriela se candidataram

(respectivamente, vereadora e deputada federal) sem se elegerem. Tramitou ainda o projeto de lei 4.211/2012 (“[Lei Gabriela Leite](#)”, arquivado em 2019). Diferenciava a prestação de serviços sexuais (autônomo ou cooperativado) e propunha aposentadoria especial aos 25 anos. O maior avanço em regramento conquistado pela militância (PA, RJ, BA, RS) foi a inclusão em 22/10/2002 da categoria PROFISSIONAIS DO SEXO (Código 5198) na [Classificação Brasileira de Ocupações](#) (CBO/Ministério do Trabalho e Emprego). A inclusão na CBO reconhece a profissão, possibilitando o trabalho autônomo (por conta e riscos próprios), mas não assegura direitos trabalhistas nem previdenciários ([Beltrão e Bispo, 2023](#)). Por outro lado, a CBO requer das Putas que praticam atividades (“*áreas de atividade*”) educativas e preventivas da exploração sexual infantil e das infecções sexualmente transmissíveis (IST). O direito ao registro no INSS (Instituto Nacional do Seguro Social) como autônomas, conquistado em 2010, garantiu-lhes direito à aposentadoria. Para além, a caminhada defendida por esses movimentos em defesa do trabalho sexual é por Direitos Humanos. Gabriela e Lourdes se complementavam. Lourdes exuberante, jeito popular de falar e se comportar, era a Puta dos garimpos do Norte, das primeiras a chegar à Serra Pelada/PA. Gabriela, pequena, de voz fininha, amante da poesia, estilo hippie, era uma Puta mulher do asfalto. A atuação coordenada dessas Putas Mulheres resultou em 1987, após superação de discriminações várias (p.ex.: hotéis que se recusavam a hospedá-las), no bem-sucedido 1º Encontro Nacional de Prostitutas no Rio de Janeiro ([Fala, Mulher da Vida](#)). Discutiram as questões da violência policial e do reconhecimento da prostituição como trabalho. A década de 1980 nasceu sob a emergente pandemia de AIDS, acompanhada dos estigmas das IST. Do pânico social que a envolveu, eclodiram movimentos sociais em defesa de minorias marginalizadas que se fortaleceram com a participação de personalidades no meio artístico e sociedade, como Cazuzu e Betinho. O Ministério da Saúde, atento aos índices de contágio, que se tornariam rapidamente alarmantes, institui o Projeto Previna (metodologia que convida pessoas-chaves dos grupos vulneráveis para atuarem como multiplicadores), elencando como prioridade (à época): prostitutas, presidiários, homens que fazem sexo com homens e usuários de drogas. *A gente tinha a mesma percepção de que a prevenção da Aids no país não deveria partir de um discurso proibicionista e repressor, porque naquela época ela era claramente usada como um dispositivo de controle da sociedade.* As Putas condicionaram sua participação à inclusão de pautas de direitos civis com discussão dos estigmas, não concordavam com as cartilhas biomédicas, ‘limpinhas’ (sem os chamados ‘palavrões’), insistiram na liberdade de expressão da sexualidade, assimilado pela realidade das Putas, para que a prevenção atingisse os objetivos. “*Estamos falando só da sexualidade das prostitutas, mas não vamos discutir a sexualidade das freirinhas? E sexualidade não é só transar, são várias outras coisas. Sexualidade humana é tudo! Ela influencia na forma da gente se expressar!*” Venceram! Título da cartilha inaugural: [Fala, Mulher da Vida](#). A campanha recebeu elogios mundo afora... Animadas, no mesmo período, criaram a Rede Brasileira de Prostitutas ([Revista Piauí, 2023](#)). A mobilização de recursos nacionais e internacionais para disseminação do conhecimento, prevenção, educação sexual, e outros, demandava a institucionalização dos movimentos. Daí surgem no Rio, articuladas por Gabriela, a *Ong Davida* (atual Coletivo PutaDavida) e a [Daspu](#) (trocadilho mordaz de *Daslu*), que produz e vende roupas sensuais estampadas com frases irreverentes de autoestima, para captar recursos às lutas das Putas. .... A luxuosa “Daslu” praticava evasão fiscal e sonegação fiscal, ‘putarias’ (termo que merece reconsideração pelo policiamento linguístico) investigadas pela Polícia Federal, resultando em prisão da proprietária e fechamento em 2005. Cuidem-se! Daslu foi reciclada pelo mercado de [residenciais de luxo](#)... .... Lourdes Barreto articulou a criação do *Grupo de Mulheres Prostitutas do Estado do Pará - Gempac* - cuja sigla

simboliza o preconceito<sup>3</sup>. País afora surgiram outros coletivos, como a *Central Única de Trabalhadoras e Trabalhadores Sexuais (Cuts)* que atuam, dentre outros, denunciando e coibindo a violência policial, disponibilizam assistência jurídica, formam educadoras sexuais, atuam em programas de saúde da mulher e de prevenção de IST (*pesquisas revelam que as prostitutas desses coletivos têm as menores prevalências do HIV*). A Davida no Rio lançou o “Jornal *Beijo da Rua*”, editado pelo marido de Gabriela (Flávio Lenz), e realizou pesquisa sobre direitos humanos das Putas em 11 capitais. Tem dado frutos a semente do histórico protesto (02/06/1975) em que cem prostitutas francesas ocuparam igreja em Lyon, sendo seguidas por protestos e organização mundial. Documentários, livros, teses reverberaram a luta das Putas e 02 de junho torna-se o Dia Internacional da Prostituta, celebrado anualmente no Brasil no *Putas Dei*. Gabriela que se afirmava Mulher Prostituta feminista, também criticava o feminismo que as vitimizava. E adiciona aspecto interessante a suas críticas: *conferências feministas tratam dos direitos reprodutivos, jamais dos direitos sexuais, dizem que está embutido. Prostituição é direito sexual*. Há diferenças entre Gabriela e Lourdes, inclusive geracionais e regionais, no modo de exercerem a liderança e no viver após o cerramento das cortinas. A Puta de Belém, nascida nos 1940 na roça, é INcolonizável e não mudou de patamar social. Diz ter se apaixonado por clientes e que putas não costumam guardar dinheiro. Afetuosa, tem vocação para garimpar corações e agregar pessoas para a luta. A Prostituta do asfalto, nascida nos 1950, universitária de classe média, ativista política, ascendeu socialmente, afirma que *todo mundo trabalha por dinheiro, e que a prostituição é um trabalho onde se ganha bom dinheiro*. Diz ser contrária e nunca ter se apaixonado por cliente. .... De respostas afiadas, desestabiliza o interlocutor. Pragmática, dedicou-se à captação de recursos. Criou e viveu dos lucros da Daspu, aposentando-se da batalha, casou-se (o marido nunca foi seu cliente), lançou dois livros (em 1992, o primeiro: *Eu, mulher da vida*). Diferenças que contribuíram, na luta conjunta, para as conquistas. ....

A honestidade e dedicação à causa que defendia levou Gabriela à perda da guarda da segunda filha<sup>4</sup>. A primeira, gerada antes da prostituição e deixada aos cuidados da avó, tem esta como mãe. A roda da vida girou e, num dos eventos da Daspu, toda a família se reconciliou... Ótimo para a família de Gabriela Leite. Mas... O costumeiro moralismo, superlativo nesses julgamentos, toma como baluarte de acusação o *inciso III - praticar atos contrários à moral e aos bons costumes, do Artigo 1638, do Código Civil*. Em outras palavras, embora o trabalho sexual não seja considerado motivo para impedir a guarda de um filho (*JusBrasil*), os direitos civis das trabalhadoras sexuais (profissão reconhecida na CBO) continuam desrespeitados. Acredito que se o Artigo citado fosse aplicado aos clientes da prostituição, muitos filhos deixariam de ser 'criados' por hipócritas. Nessa linha, os 'segredos de alcova' - como corrupções e planos que possam prejudicar os rumos da democracia do país - revelados em desabafo por clientes influentes, deveriam ser denunciados? Gabriela Leite afirma convicta que *não*, por se tratar de um princípio ético da profissão; e completa, *se vazar, acaba a prostituição*. O “*sigilo profissional*” é uma das “*competências pessoais* estabelecidas na CBO (5198) E você, leitor, o que pensa desse tema? Talvez estejamos precisando desse 'choque de realidade'...

Companheiros, como muitos de nós,  
trabalhadores de todas as lidas,  
as putas Putas Lourdes Barreto e Gabriela Leite lideraram  
movimentos robustos e conquistaram parcialmente  
direitos sanitários, trabalhistas, previdenciários e civis.  
Todos juntos não lhes garantem que sejam tratadas com justiça.  
Que tal nos unirmos à puta Luta das Putas por  
Direitos Humanos no trabalho?  
Temos uma puta pauta em comum...

■ ■ ■

Referências: Lourdes Barreto, uma puta senhora. Angélica Santa Cruz. Revista Piauí, Edição 199, Abril 2023.// Beltrão JF, Bispo AF. Trabalho sexual no Brasil: uma abordagem do protagonismo das prostitutas na luta pelo reconhecimento do direito ao exercício da profissão. *Saúde Debate*, v.47, n. esp.1, e8507, dez 2023. // Roda Viva (Gabriela Leite, 2009). // [https://pt.wikipedia.org/wiki/Gabriela\\_Leite](https://pt.wikipedia.org/wiki/Gabriela_Leite)

Notas: 1. Nascida Otília, adotou o pseudônimo em homenagem à personagem de Jorge Amado. // 2. Zona (“meninas ficavam confinadas”) só continua a existir no Rio-Vila Mimosa. // 3. O cartório se recusou a registrar o coletivo com o termo prostitutas, sendo substituído por “Grupo de Mulheres da Área Central”. // 4. Chiara Lages, em breve, abordará as famílias das Putas.

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.